

O POETA FAZ-SE AOS 10 ANOS

“Começar a escrever. Como se começa a escrever? As cópias, os ditados, longe. Como se começa mesmo a escrever, a criar? As palavras aí estão. Elas existem: muitas, alinhadas em longas e contínuas filas no dicionário, muitas conjugáveis para além do que lemos no dicionário, muitas por descobrir, muitas por inventar, muitas por recriar com um novo sentido. A Língua Portuguesa não é um corpo morto, nem um lago de água estagnada —é uma matéria viva que temos de trabalhar e de amar com um novo sentido.

Como se começa a escrever? Atrás de cada palavra se esconde um mundo.”

É com a simplicidade própria da sabedoria que chega às essências, que a escritora portuguesa, Maria Alberta Menéres, na recente publicação, *O Poeta Faz-se aos 10 Anos*, não só procura mostrar o ato de escrever como um ato vital, como também desvendar o “mundo” que se esconde em cada palavra.

Nesta época de reformas e reestruturações, quando em todos os setores a palavra de ordem parece ser criatividade, adquire um específico valor esse despretenhoso livro (em forma de caderno retangular...), que acaba de nos ser enviado de Lisboa. Inscreve-se ele entre as boas publicações de experimentação docente atualizada, e tem muito e muito a ensinar, sugerir ou descobrir a quem por profissão ou por gosto convive com as letras.

Com este original trabalho, lançado no findar de 1973, Maria Alberta Menéres, —poeta, professora e pesquisadora já conhecida do público brasileiro, vem firmar a alta reputação que conquistara entre nós, principalmente por sua participação na organização da excelente *Antologia da No-*

visluma Poesia Portuguesa (já em 3a. ed.) realizada com seu marido, — o poeta e ensaísta E. M. de Melo e Castro (também bastante conhecido no Brasil, e que recentemente lançou pela nova editora paulista, Edições "Quíron", um precioso estudo, *O Próprio Poético*, que abarca 800 anos de poesia portuguesa vista através de uma perspectiva de vanguarda).

O volume agora lançado por Maria Alberta, *O Poeta Faz-se aos 10 Anos*, apresenta uma peculiar coletânea, onde a poeta-professora reuniu textos em prosa ou poesia, criados por seus alunos da Escola Preparatória Pedro de Santarém (Benfica-Lisboa), bem como artigos seus, publicados entre 1972 a 1973, na secção "Iniciação Literária", do Suplemento Juvenil do *Diário Popular* de Lisboa.

Revelando-se como um alto exemplo do que pode produzir a difícil união de talento criador, vocação docente e ágil inteligência crítica, este curioso volume (com uma capa quixotesca, não menos curiosa), é das obras que precisam ser conhecidas pelos jovens atraídos pela criação literária, — os aprendizes do "ofício de dizer". E não só por eles.

A noosso ver, muito aproveitarão com sua leitura os professores do vernáculo que têm a seu cargo crianças ou jovens para serem orientados na difícil aprendizagem da língua (ou melhor, da linguagem criativa) dentro da nova ordem pedagógica, "Comunicação e Expressão".

Que ninguém se engane com o tom coloquial e desprezioso que singulariza o estilo adotado aqui por Maria Alberta, pois a verdade é que em todas as questões e problemas aparentemente simples, por ela abordados, estão presentes uma profunda sabedoria e uma imensa capacidade de ver a Beleza essencial das coisas.

Desde as múltiplas definições de poesia até a urgência de escrever que se revela no homem atual, e passando por mil e um "motivos" condicionados pela necessidade de ver, falar ou escrever dentro das relações mais comuns da vida cotidiana, Maria Alberta deixa fluir um manancial de conhecimentos ou de propostas para reflexão, sem cair, em momento nenhum no dogmatismo "magister dixit" já tão fora de nossa época, mas que tantos e tantos (por insegurança ou medo?) ainda telmam em usar.

Analise-se, por exemplo, os processos de que a autora lançou mão para explorar didaticamente o aspecto lúdico da escrita unido ao rigor da reflexão e do uso da língua; ou ainda, leiam-se os textos poéticos ou em prosa, resultantes da orientação criadora aqui registrada. Textos espontâneos, com a pureza do olhar inaugural, escritos por crianças de 9, 10, 11 anos... ou por jovens entre 13 e 18 anos, revelando todos eles a necessária fusão entre o rigor da observação do real e a magia da imaginação poética, quando fecundada por uma inteligência viva.

Também os que se dedicam à criação da literatura infantil e juvenil encontrarão aqui uma multiplicidade de questões, problemas e sugestões que inegavelmente lhes serão bastante fecundas para o alcance de seus objetivos: conquistar o interesse do jovem leitor.

Já é afirmação antiga e mais do que sabida que as gerações-jovens-século XX não querem mais nada com leituras, nem com tarefas de escrever. No entanto, ao ler-se com atenção as múltiplas propostas e conseqüentes resultados, inscritos neste livro, chega-se à conclusão de que algo já está sendo feito, para que al assertiva não continue a ser "vox populi, vox Dei"... Já é tempo de se descobrir que algo está errado na orientação dos jovens, quando se patenteia essa propaladaa aversão que eles demonstram pela leitura ou pelo ato da escrita.

Inclusive, chamamos a atenção dos leitores interessados para os "motivos" publicados na 2a. parte do livro, "Uma Poesia Possível", e que ilustram bem os ótimos resultados obtidos na secção "Iniciação Literária" do suplemento juvenil acima referido. Sem dúvida alguma, é exemplo que bem poderia ser seguido entre nós, e que ajudaria de muito não só o trabalho orientador dos professores nas escolas, mas também os possíveis e incipientes talentos de escritor que teriam, assim, desde cedo uma oportunidade concreta para se encontrarem a si mesmos.

Como diz Maria Alberta, "é urgente a Poesia" para os jovens; é urgente que no ato de ver, pensar, sentir e escrever, se considere "não só a verdade mas a vivência — não só a espontaneidade mas também o rigor — não só a urgência da comunicação mas a urgência de comunicar mesmo qualquer coisa de nosso e de novo." (pág. 47)

Fazendo dos atos de ler, falar e escrever, verdadeiros atos vitais que exigem empenhamento e esforço, e amparada por uma cultura poético-lingüística de primeira linha, Maria Alberta Menéres registra neste livro um acervo de práticas criativas, com a palavra, que em última análise, visam mostrar ao imaturo os caminhos que podem conduzi-lo ao encontro verdadeiro com a vida e com seu próprio ser. A Palavra, conquistada árdua e conscientemente, é realização do "eu"; e mais, revela uma "certa forma de estar no mundo".

E é isso principalmente que o livro de Maria Alberta vem ajudar os jovens (e os adultos) a descobrirem...

—o—

- (1) *O Poeta Faz-se aos 10 Anos*. Lisboa, Ed. Assírio & Alvim, 1973.
Distribuição no Brasil: Século XXI-Livros. Rua Santo Amaro, 466 —
10.000 S. Paulo.